

## AS SACOLAS DE POLIETILENO E SEU USO INDISCRIMINADO: UM ESTUDO PARA A CIDADE DE ANÁPOLIS

Rebeca Andrezza Bardella<sup>51</sup> – rebeca\_andrezza@hotmail.com  
Isabella Raissa B. Arcanjo<sup>52</sup> – bella\_raissa@hotmail.com  
Joana D'arc B. Castro<sup>53</sup> – joanabardella@brturbo.com.br

### Introdução

Entre as vinte melhores cidades do país, em termos de qualidade de vida, oferta de emprego, segurança, avanços educacionais, saúde e tecnólogos, e a terceira maior economia do Centro-Oeste, está Anápolis (VANDERIC, 2011). Hoje, Anápolis conta com 30 supermercados de grande e médio porte, e inúmeros de pequeno porte para atender a população. E, com base no consumo diário das famílias anapolinas, este artigo propôs-se a investigar qual a preferência revelada pelos consumidores, caso tivessem de trocar as sacolas de polietileno por outro produto para carregar suas compras do supermercado, e como deveria agir o município se adotasse a idéia de substituir a atual sacolinha plástica descartável por retornáveis, como já ocorreu em municípios paulistas.

### Revisão Bibliográfica

No Brasil, o consumo anual *per capita* de sacolinhas descartáveis é de 713, portanto 13,9 bilhões. E o setor fatura de R\$ 500 milhões a R\$ 1,1 bilhão, empregando diretamente 30 mil pessoas. As sacolas duram até 100 anos no ambiente, contaminam as águas, entopem bueiros e oneram os aterros sanitários (SCIARRETTA, 2011).

Polímeros biodegradáveis, segundo Franchetti e Marconato (2006), são matérias degradáveis que, na sua degradação, usam fungos, bactérias e algas, gerando gás carbônico, metano, água e biomassa. Assim são vistos como materiais que se degradam na presença de enzimas. Os plásticos biodegradáveis são também denominados plásticos biológicos ou bioplásticos (REDDY, 2003).

O Brasil desenvolveu uma tecnologia para produção desse tipo de plástico ao empregar como matéria prima derivados de cana de açúcar que podem ser produzidos por bactérias em bioreatores a partir de açúcares. Esse tipo de plástico apresenta desvantagem, uma vez que é mais caro e tem aplicações mais limitadas do que os sintéticos, por serem menos flexíveis. Sua estimativa de produção é de US\$ 2.65/Kg para uma planta de 100.000t/ano em comparação com o polipropileno a um custo de US\$ 1.00/Kg (FRANCHETTI; MARCONATO, 2006).

### Material e Métodos

---

<sup>51</sup> PIBIT/UEG, graduando(a) em Química Industrial, UEG/UnUCET-Anápolis(GO)

<sup>52</sup> Graduando(a) em Farmácia, Anhanguera Educacional-Anápolis(GO)

<sup>53</sup> Orientado, docente do curso de Ciências Econômicas UEG/UnUCSEH-Anápolis(GO)

Essa é uma pesquisa bibliográfica sobre as diferenças de polímeros e sua degradabilidade. A seguir, usou-se a pesquisa analítico-descritiva, a fim de analisar as razões de preferência do consumidor pelo uso de sacolas biodegradáveis e, para isso, foi realizada uma pesquisa de campo (survey) por meio de aplicação de 525 questionários., os quais apresentam três questões fechadas e uma aberta.

Os questionários foram aplicados aos consumidores de produtos de supermercado de ambos os sexos, no período de 10 de janeiro a 10 de fevereiro de 2012, na cidade de Anápolis, Estado de Goiás.

### **Conclusões**

A pesquisa mostrou que 79,6% das compras em supermercados são feitas por mulheres e somente 20,4% por homens. Ao ser perguntado sobre a preferência de uso em caso de substituição das sacolas plásticas descartáveis, 34% se mostraram adeptos às ecobags, por serem reutilizáveis, diferentes, modernas e por estarem na moda; 21% prefeririam as caixas de papelão, por serem doadas pelos supermercados e ainda acondicionariam o lixo no lugar das sacolas plásticas; 9% pagariam pela sacola biodegradável, no momento da compra, por ser mais prática e demonstraram não se importarem com o preço, desde que não ultrapassassem o valor de R\$0,20 por sacola (preço concebido por reportagens vistas em jornais); 12% disseram preferir levar o carrinho de feira – o que já é feito por 32,5% dos idosos – e, na hora da entrevista destas, 8% já estavam usando o carrinho como prática diária; 5% usariam caixa plástica, porque já têm esse hábito, porém achavam a caixa cara para ser usado somente para esse fim; e 19% mandariam entregar em casa, porque já o fazem e não querem se preocupar com esse fato.

Com a práxis educacional ambiental urbana, provavelmente os consumidores não resistirão às mudanças tão necessárias ao meio ambiente.

### **Referência Bibliográfica**

- FEANCHETTI, S. M. M; MARCONATO, J.C. Polímeros biodegradáveis: uma solução parcial para diminuir a quantidade dos resíduos plásticos. *Revista Química Nova*. v. 29. n. 4. 2006. p.811-816.
- REDDY, C. S. K. et al. Bioresour. *Technol.* n. 87. 2003.
- SCIARRETTA, T. A vida sem sacola plástica. *Folha de S.Paulo*, caderno mercado B3. n. 30.246 28/12/2011.
- VANDERIC, M. Encontro estratégico. *Jornal contexto*, N.325. Ano 6.4/08/2011. Edição especial Anápolis 104 anos. p. 6